

BURGGRAEVE, Roger.
To Love Otherwise.
Essays in Bible Philosophy and Ethics.
Leuven: Peeters, 2020. 346 pp. 16 x 23 cm.
ISBN 9789042942165.

Marcus Mareano

Roger Burggraeve (1942) é padre salesiano e professor emérito de Ética Teológica da Universidade Católica de Lovaina (KU Leuven). Seu doutoramento em Teologia Moral aconteceu em 1980 e, desde então, lecionou na Faculdade de Teologia da mesma Universidade. Entretanto, no decorrer de sua trajetória acadêmica colaborou em diferentes centros universitários na Índia, Quênia, Congo e Canadá, por onde também publicou livros, artigos e capítulos de livros. É fundador e catedrático honorário do *Centre for Peace Ethics*. Publicou mais de sessenta livros nos quais aborda: Emmanuel Levinas; ética relacional, sexual e matrimonial; Bíblia e ética; educação, orientação pastoral, assistência social e ética. Dentre as inúmeras publicações, destacamos a obra “An Ethics of Mercy. On the Way to Meaningful Living and Loving” (2016); e, recentemente, o livro “Faces of Good and Evil” (2023).

Apesar de seu domínio de saber se situar na Ética e se dedicar a pesquisar o pensamento de Emmanuel Levinas, Roger Buggraeve encontrou nos textos bíblicos fontes de reflexões para os dramas éticos da humanidade. Seu livro se divide em sete capítulos e cada um deles representa uma discussão ético-filosófica em referência a algum tema bíblico: 1) a Bíblia engendra pensamento: sobre a possibilidade e a natureza própria do pensamento bíblico; 2) homem e mulher criados à imagem de Deus: a narrativa da primeira criação (Gn 1) e a semelhança e a diferença dos seres humanos e sua responsabilidade criatural; 3) somos guardiões uns dos outros?: o episódio de Caim e Abel (Gn 3) e o tema da violência; 4) o longo trajeto do mal ao perdão e à reconciliação: a história da vinha de Nabot (1Rs 21) e a injustiça infligida; 5) chamados a uma missão impossível: a anunciação do anjo (Lc 1,26-38) e a vocação humana e a liberdade para respondê-la; 6) se você deseja entrar na vida: o jovem rico (Mt 19,16-19) e as proibições morais e o amor; 7) gestação do outro no mesmo: o bom samaritano (Lc 10,25-37) e a multidimensional responsabilidade humana. Burggraeve não se considera um biblista, nem essa obra se compreende como exegese científica de alguns textos. Ele despertou esse interesse a partir dos estudos do Talmud feito por Levinas. Então, esse livro recolhe reflexões a respeito de diferentes temas da existência humana a partir da Bíblia (p. 1-2).

O primeiro capítulo apresenta que tipo de pensamento emerge da Bíblia e se ela possui uma “maneira de pensar”. Primeiramente, Burggraeve demonstra que a Bíblia possui um intrínseco modo de pensamento através de seus diferentes gêneros textuais, narrativas, histórias e ensinamentos. Na segunda parte, o autor mostra que esse pensamento bíblico é de forma poética, conforme a compreensão ricœuriana de “poética”. Na terceira parte, ele destaca que o pensamento poético bíblico engendra uma obstinada forma de pensamento. Na quarta parte, ele caracteriza o modo de pensar da Bíblia a partir da prioridade do amor; da prioridade do fazer sobre o pensar; e de como esse amor torna possível uma sabedoria. Esse capítulo inicial e de discussão preliminar serve de abertura para a temática que se desenvolverá nos capítulos posteriores. Ele justifica a singularidade do pensamento bíblico desde e a respeito da prática do amor. Assim, pode-se refletir eticamente a partir dos relatos bíblicos em prol de uma responsabilidade “pelo” e “para” o outro (p. 48).

O segundo capítulo aborda o tema da criação do homem e da mulher como imagem de Deus e da diferença e semelhança do ser humano e de sua responsabilidade ética. Esse capítulo se divide em cinco tópicos: um dinamismo original de separação e diferença; a diferença sexual como coroamento da criação; a diferenciação sexual provoca reflexões; a diferença sexual: nem alfa nem ômega; chamados à responsabilidade como seres humanos. O autor recorda que o episódio se trata de uma “narrativa mítica” e não mera estória para crianças (p. 102), portanto, uma expressão a respeito de alguma realidade misteriosa que faz refletir. O pensamento bíblico confessa um Deus criador e a desdivinização e dessacralização das criaturas. A criação constitui um dom de Deus para o ser humano não para ser adorada e reverenciada em si mesma, mas para ser respeitada e gerar responsabilidade para que as futuras gerações também desfrutem dela (p. 104).

O capítulo terceiro, intitulado em forma de interrogação “nós somos guardiões uns dos outros?”, analisa o episódio de Caim e Abel junto com o tema da violência e do despertar da consciência. Os quatro primeiros tópicos desse capítulo abordam mais questões que explicam o referido texto bíblico: um preconceito em relação a Caim; o mal não vem do céu; a diferença entre os dois sacrifícios; a ira de Caim e o assassinato de Abel. Os dois últimos tópicos do capítulo refletem a respeito de questões que o texto bíblico suscita a pensar: a questão da presença do outro; a fraternidade humana e divina. Burggraeve conclui que a confrontação entre Caim e o outro diante de si mostra a falta de sentido da mentalidade comum de “cada um por si e Deus por todos” e que faz mais sentido pensar “todos por todos, em nome de Deus que é por todos”. Cada pessoa humana não foi criada para si, mas para todos e para tudo e para cuidar do universo (p. 139). A proibição de matar o próximo presente desde a estória de Caim e Abel demonstra a responsabilidade humana de uns pelos outros em prol de uma fraternidade universal (p. 140).

O quarto capítulo toma um texto menos conhecido (a vinha de Nabot – 1Rs 21) para discutir o tema da injustiça infligida, do julgamento e da misericórdia. Esse capítulo se desenvolve a partir de três painéis principais derivados da própria narrativa bíblica. O primeiro painel esboça o contexto no qual o mal se desdobra com uma narrativa (a estória por trás do mal infligido). Essa intriga forma o pressuposto para a apresentação do segundo painel, que versa sobre o julgamento de Deus (o julgamento toma o mal seriamente). O terceiro painel discorre sobre o impacto do julgamento divino, através do qual se revela a misericórdia (a confissão e a perspectiva ambígua da misericórdia). Por fim, a quarta e última parte desse capítulo reflete sobre

o perdão e a reconciliação para além da narrativa bíblica propondo um julgamento com misericórdia. A misericórdia divina implica um julgamento transcendente (p. 199). Julgamento e misericórdia vêm juntos, na compreensão de Burggraeve. Um implica o outro. Deus nunca condena definitivamente o ser humano e sempre oferece uma nova chance e uma nova aliança (p. 200).

A partir do capítulo quinto, o autor reflete temáticas oriundas de episódios do Novo Testamento. A primeira delas é a cena do anúncio do anjo a Maria e a paradoxal questão sobre a relação entre vocação e liberdade. Esse capítulo se apresenta com os seguintes tópicos: extraordinária vocação; vocação como missão; chamados ao impossível; não há vocação sem resposta. Ao final, ele conclui que Maria expressa a vocação humana, como algo apesar de si mesmo, mas que não ocorre sem si mesmo e que se encarna na missão “para” e “por causa” do outro (p. 233).

O sexto capítulo discorre sobre o episódio do encontro do jovem rico com Jesus e a temática da relação entre as proibições éticas e o amor. Duas partes dividem esse capítulo: a paradoxal relação entre proibições e liberdade; marcos referenciais para uma ética relacional e sexual. As respectivas seções representam a leitura do episódio bíblico por Burggraeve: a primeira sobre a pergunta do jovem rico e a resposta de Jesus (Mt 19,16-19); a segunda sobre a reação do jovem rico e o ensinamento de Jesus (Mt 19,20-22). Para ele, o desafio consiste em reconciliar a objetividade com a subjetividade; as emoções e os desejos com as leis. Ao final, o autor propõe uma atitude de “desposseção”, compreendendo que o personagem do episódio bíblico acumulava bens e cumprimentos de deveres. Então, a perfeição querida consiste em esvaziar-se de si mesmo e do que se possui a fim de gerar espaço de acolhida para o próximo, que as riquezas e o rigor da lei impedem, porque faz com que se importe mais com tais coisas do que com os semelhantes.

O último capítulo da obra reflete sobre a alma e a corporificação da nossa multidimensional responsabilidade a partir da cena bíblica do bom samaritano. Os seguintes tópicos são explanados: questões e respostas que envolvem a narrativa; três pessoas no caminho; a responsabilidade pelo outro; a responsabilidade além do face a face; pequena bondade e uma nova visão de futuro; o princípio divino da reponsabilidade pelo outro; além da ética de Jesus. Esse capítulo se inspira na radical ideia de Emmanuel Levinas da nossa responsabilidade ante a face do outro diante de nós e propõe pequenas bondades e uma nova visão de futuro para a sociedade. Após desenvolver os tópicos, Burggraeve afirma que Deus é ético e aqueles que confiam nele recebem a graça de uma maneira de agir conforme Deus, ou em termos do autor, “a ética de Deus é a nossa graça” (p. 313). Tal ética consiste em uma responsabilidade “para” e “através” do outro (p. 314).

Burggraeve não desenvolve reflexões dogmáticas, mas usa exemplos a partir da fé católica, o que pode dificultar a compreensão para alguns leitores. Por sensibilidade ao diálogo com o judaísmo, ele prefere a nomenclatura Primeiro e Segundo Testamento para se referir aos textos bíblicos antes e depois de Cristo, o que causa estranheza na opinião de muitos exegetas. Nas respectivas análises, alguns detalhes do texto bíblico lhe escaparam, mas não diminui o mérito da ousadia do autor, nem ameaça a reflexão ética desenvolvida.

A maior contribuição dessa obra é para hermenêutica bíblica e para a reflexão filosófica. Ela não constitui um manual de leitura filosófica da Bíblia, nem um tratado de ética teológica,



ISSN 2596-2922

mas demonstra como os textos bíblicos podem proporcionar reflexões das diferentes questões humanas de todos os tempos. Embora a Bíblia diga respeito a Deus, ela se refere ao ser humano, aos seus dramas, desejos, dilemas e desafios de ontem e de sempre. Neste livro, acentuou-se a ética, mas poderia ser uma perspectiva psicológica, sociológica, antropológica entre outras.

Marcus Mareano

Doutor em Teologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina –Bélgica e pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia –Belo Horizonte / MG –Brasil
Pesquisador de pós-doutorado na KU Leuven
E-mail: marcusmareano@gmail.com